



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

### **A TRANSVERSALIDADE DA DISCUSSÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NUMA ESCOLA PÚBLICA DO SEMIÁRIDO DO RN**

João Bosco Filho - Universidade Potiguar

Micael Felipe de Albuquerque Cabral - Universidade Potiguar

Dermesson Josué Martins Feitosa – Universidade Federal Rural do Semiárido

Daniel Guimarães de França Moreira – Universidade Federal Rural do Semiárido

As discussões a respeito de gênero e sexualidade no Brasil vêm tomando um novo norte político com a participação da militância LGBTTTT's na formulação de políticas públicas educacionais que visam a discussão das relações e diversidade de gênero nas escolas, principalmente do que diz respeito a educação básica. Temas como o relacionamento homoafetivo, gay, lésbico e trans causam muita polêmica quando os colocamos em evidência nessas instituições.

Durante muito tempo as discussões sobre a sexualidade foram invisibilizadas nos espaços sociais, ficando à margem nos espaços em que havia a sociabilização dos atores sociais. Na família o tema era proibido, na escola não se existia. Nesse sentido a sexualidade era discutida apenas entre os religiosos e seus fieis, entre os grupos de amigos, mas era surda, muda e cega.

O movimento LGBTTTT dá os seus primeiros passos no Brasil na década de 70, impulsionado pela discussão e reivindicação do movimento feminista brasileiro. Nesse período iniciaram-se lutas pelos direitos civis como a parceria entre pessoas do mesmo sexo, além da busca do reconhecimento e do espaço desses atores na sociedade.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Até a última década do século XX, a homossexualidade, nesse momento denominada de “homossexualismo”, ainda encontrava-se na lista de doenças mentais pela Classificação Internacional de doenças – CID, ocasionalmente recomendada pela OMS – Organização Mundial da Saúde. Só em 1990 o termo “homossexualismo” foi retirado da lista de doenças mentais.

Ainda no século XX, a discussão sobre gênero e sexualidade no Brasil veio à tona de uma forma bastante pejorativa, os índices da SIDA (Síndrome da Insuficiência Adquirida) mais conhecida como AIDS crescia entre os sujeitos homossexuais, e desde então, tal doença tornou-se conhecida como a “doença gay”, tratando-os como grupo de risco.

Nesse panorama, acreditava-se que a doença somente adquirida por pessoas homossexuais, e acreditava-se também que tal doença não passava de um “castigo de Deus” para as práticas “sodomicas” a que se submetiam. Essa concepção só mudou quando foram diagnosticados casos de doenças em pessoas heterossexuais, assim o discurso desloca-se para a sexualidade e a prática do sexo seguro.

Posteriormente em 2004, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), fez uma pesquisa chamada "Juventude e Sexualidade" que trazia dados preocupantes sobre o tema. Realizada com 15 mil estudantes e 5 mil professores diversos estados brasileiros, a pesquisa mostrou um alto índice de preconceito entre os jovens, 25% deles afirmaram que não gostariam de ter uma pessoa gay como colega em sala de aula, além disso, a pesquisa também relatou que 60% dos professores alegaram não saber lidar com o preconceito.

Com o grande avanço nas discussões à respeito de outras ramificações familiares no Brasil, reconhecidas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), e com a real existência de famílias constituídas por pessoas do mesmo sexo, em 2011, através de uma Ação indireta de Inconstitucionalidade, o Supremo Tribunal Federal reconheceu, por unanimidade, a união estável por pessoas do mesmo sexo. Logo em seguida, em 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprova nova resolução que obriga os cartórios de todo o país a realizar o casamento civil entre pessoas com a mesma orientação sexual.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Desse modo, surge a urgência de se discutir gênero e sexualidade a partir de um contexto educacional. O objetivo desse trabalho é conhecer como os jovens de sexto ao nono ano de uma escola pública do semiárido do rio grande no norte se comportam a ouvir sobre esses temas. Escolhemos a escola por ser um espaço de socialização dos sujeitos.

Essa pesquisa tem uma abordagem qualitativa uma vez que seus resultados não podem ser evidenciados em estatísticas ou escalas, mas sim em sentidos, subjetividades e comportamentos. Para a coleta de dados utilizamos uma entrevista semiestruturada, por entendermos que a mesma subsidia a pesquisa como um todo, além de um aparelho de MP4 para gravá-las. Para a análise da pesquisa utilizamos a classificação do discurso sugerida por Minayo (2006).

### **SUJEITOS DA ESCOLA**

Primeiramente fizemos uma aproximação com a realidade, visitamos três escolas que selecionamos para que esta etapa ocorresse. A aproximação com o objeto da pesquisa é muito importante, pois é nesse momento que reconhecemos algumas fragilidades e enfrentamentos que possam surgir no decorrer da pesquisa. Das três escolas selecionadas, somente uma aceitou a operacionalização do nosso trabalho em seus espaços.

Se trata de uma escola de pequeno porte, com aproximadamente 500 alunos do 4º ao 9º ano do ensino fundamental, com uma faixa etária que varia entre 11 a 20 anos de idade. A escola, como realidade do semiárido potiguar, não dispunha de uma estrutura física que acomodasse bem as pessoas que ali trabalhavam e estudavam.

Nessa primeira aproximação cruzamos com algumas realidades difíceis que se aproximam e influenciam diretamente a nossa pesquisa: a evasão escolar. São diversos os motivos para que essa realidade se reproduza no espaço da escola, dentre eles o bullying, o uso de drogas ilícitas e o envolvimento com o tráfico, a gravidez na adolescência e a violência escolar.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

A escola é feita por professores das disciplinas básicas e fundamentais, além de diretor, porteiros, cozinheiros, assistentes de serviços gerais, uma psicopedagoga e um núcleo de assistência pedagógica chamado "mais educação".

Também não podemos deixar de falar nas famílias que também caracterizam-se como sujeitos da escola, as mães, pais, tias, avós e padrinhos envolvidos na criação e sustento de cada criança e adolescente que estuda naquela escola. Entendemos a família como eixo estruturante da educação escolar, interagindo direta e indiretamente com a formação cidadã dos seus entes familiares.

### **DA CEGUEIRA A VISÃO: A QUESTÃO DA SEXUALIDADE NA ESCOLA**

Nesse momento, propomos uma análise de conteúdo descrita e defendida por Minayo (2006) que nos possibilitou a classificação dos discursos selecionados nas entrevistas semiestruturadas e abertas realizadas.

Realizamos 03 perguntas que nos subsidiou diversas análises e sentidos para adolescentes de 11 a 20 anos de idade em todas as séries do ensino fundamental daquela escola. Para as respostas, denominamos entrevistado a, entrevistado b, e assim sucessivamente. Segue as entrevistas.

Pergunta 01: Pra você, o que é ser gay?

Entrevistado a) - "Um "homi", ser gay? Pra mim num é "homi", pra mim é um "veado", uma "bicha".

Entrevistado b) - "Ser gay pra mim é um menino que gosta do outro, que se apaixona pelo outro, mas sabe que é pecado e fica lutando contra aquele sentimento. Eu conheço um menino que é assim".

Entrevistado c) - "Não sei, nem quero saber, pra mim isso nem existe."



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Entrevistado d) - "Uma pessoa que é gay é uma pessoa que era pra ter nascido mulher, só que nasceu com um pênis, aí fica querendo tirar e gosta de outros homens"

Entrevistado e) - "Pra mim a pessoa nasce gay, desde pequeno sabe, mas a sociedade não aceita, tanto homem quanto mulher. A mulher "sapatão" a sociedade aceita mais do que o homem, não sei porquê."

Nessa primeira pergunta, podemos perceber diversos níveis de preconceito e falta de conhecimento sobre a questão da homoafetividade. A resposta do **Entrevistado a** chama muita atenção dada a carga de preconceito e ódio, hostilizando e humilhando com palavras e apelidos ofensivos, nesse contato, a heteronormatividade predomina. Com exceção da última entrevistada, também foi possível perceber que a maioria traduz o sentido "ser gay" ao homem, invisibilizando a questão lésbicoafetiva. É como se "ser gay" fosse um atributo só de homens.

Também podemos perceber um sentimento de ódio e revolta na resposta do **Entrevistado c**, evidenciando um sentimento de que não deveriam existir diversidade sexual. Os demais entrevistados problematizaram a questão homoafetiva como "nascido assim", também como algo caracterizado como "pecado", deixando evidenciar toda a questão e o discurso religioso. Também não podemos deixar de analisar a resposta do **Entrevistado d**, que relata a homoafetividade transexual, e de forma sucinta, fala de pessoas que não se reconhecem e se classificam homem ou mulher pelo seu órgão genital, mas pela sua identidade de gênero.

Pergunta 02: Você gostaria de ter um colega ou uma colega homossexual?

Entrevistado a) - Deus me livre querer esses "veados" perto de mim

Entrevistado b) - Eu já tenho, ele tem jeito de mulher, só anda com as meninas. "kkkkk"

Entrevistado c) - Sim, eu gostaria. Se bem que eu acho que tem na minha sala, todo mundo desconfia, mas ela não assume. Ela joga bola com os meninos.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Para essas respostas ainda percebemos o discurso de ódio e homofobia por parte de alguns entrevistados. Durante as perguntas, alguns se incomodavam muito, a ponto de ficarem nervosos. Podemos observar também uma inversão nas respostas nos **Entrevistados b e c**, justamente da normatividade que a sociedade estabelece como sendo "coisas de menino" e "coisas de menina", o simples fato de um menino ter amizades com mulheres põe em cheque a sua masculinidade, a sua virilidade, como é posto pela sociedade. Assim como o fato da menina gostar de futebol também alimenta rumores de que a mesma pode ser lésbica.

Pergunta 03: Você gostaria que na sua escola fossem debatidos temas sobre homossexualidade, relações de gênero, pra que você pudesse compreender melhor?

Entrevistado a) - "Se isso fosse falado na aula, meus pais me tiravam dessa escola".

Entrevistado b) - "E pode? Eu acho que não pode não, mas se pudesse eu queria".

Entrevistado c) - "Eu gostaria sim, assim a gente ia entender melhor. Porque até hoje eu não entendo mulher com mulher, como é que elas fazem sem homem".

Nessa entrevista podemos perceber o fruto da socialização familiar do **Entrevistado a**, parece que é um tema difícil para o mesmo, já que o mesmo afirma que seus pais o retiraria da escola caso fosse discutido. Esse discurso de ódio proferido pelo **Entrevistado a** em todas as suas respostas, parece ser uma reprodução em que o mesmo vivencia em seu ambiente familiar.

Já o **Entrevistado b**) desconhece a possibilidade da transversalidade das discussões a respeito dos temas de gênero e sexualidade na escola, para ele, o que se faz invisível, ainda é pior, se faz proibido no ambiente escolar. O **Entrevistado c** evidencia toda a sua curiosidade a respeito de alguns desses temas, demonstrando toda uma carga de curiosidade e desinformação, ao mesmo tempo que demonstra o tabu de que só é possível sentir orgasmo através do pênis, retirando da mulher toda a sua autonomia sexual em sentir prazer.

A pesquisa nos evidenciou o que já vinha sendo discutido, tanto a direção da escola, quando os alunos e seus familiares apresentaram resistência quando à discussão sobre a diversidade de gênero, os mesmos reproduziram o discurso hegemônico e religioso de que só



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

existem dois sexos, o masculino e o feminino, além de reproduzirem a subjugação da mulher enquanto ser inferior na sociedade.

Porém, mediante a essas entrevistas, corroboramos com Louro (2007) que, através das mídias e de diversas outras pedagogias culturais que extravasam e compõem conhecimentos com a escola, uma gama diversificada de comportamentos sexuais direcionados aos homens, às mulheres, às crianças e aos jovens é sistematicamente sugerida, valorizada, depreciada, constituindo-se em importante dispositivo para a formação de sujeitos de gênero e de sexualidade socialmente desejáveis.

O pedagogo e escritor Paulo Freire, em sua obra intitulada "A Pedagogia da Autonomia" trás a escola como um ambiente favorável à aprendizagem significativa, nesse sentido, o mesmo nos revela que a escola deve contribuir para a curiosidade, a criatividade, o raciocínio, o estímulo à descoberta.

"A educação, compreendida de maneira ampla, é um dos processos mais eficientes na constituição das identidades de gênero e sexual. Em qualquer sociedade, os inúmeros artefatos educativos existentes têm como principal função com/formar os sujeitos, moldando-os de acordo com as normas sociais" (SABAT, 2007, p. 149).

Desse modo, Nogueira (2010) nos evidencia a importância do tratamento de questões relacionadas as relações de gênero e diversidade sexual durante o processo de ensino aprendizagem, pois a escola não pode mais simplesmente encaminhar ou marcar horário para tratar destas questões, cabe a ela se aprofundar em conhecimentos científicos historicamente construídos e através de discussões e reflexões oportunizar a mudança de atitudes a todos/as os/as sujeitos envolvidos na educação. Nogueira (2010, p.18) fala que a "abordagem da sexualidade deve ser contínua, sistemática, corajosa, honesta e politicamente interessada com a crítica desses modelos de desigualdades sexual, de gênero, de etnia/raça, de geração de classe, de religião, entre outros".



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Assim, nunca avançaremos nas nossas orientações sobre gênero e sexualidade, se invisibilizarmos a temática, colocando-a à margem da nossa realidade escolar, tratando as minorias LGBTTT's que ocupam o espaço da escola com desrespeito, desonestidade, violência e bullying. Precisamos desconstruir a ideia da normatividade heterossexual e atuarmos como disseminadores da diversidade sexual e de gênero.

Nesse sentido, Sayão (1997, p. 113), nos explica que “o trabalho de orientação sexual desenvolvido pela escola deve diferenciar-se, pois, da abordagem assistemática realizada pela família, principalmente no que diz respeito à transmissão de valores morais indissociáveis à sexualidade.”

### **À QUISA DE CONCLUSÕES**

Agora podemos afirmar a imprescindibilidade da transversalidade das questões à respeito de gênero e sexualidade no espaço escolar, evidenciando a possibilidade do preparo dos sujeitos que fazem a escola, como professores, psicopedagogos, diretores e alunos.

Podemos observar a reprodução de valores que justificam o discurso de ódio e a homofobia por parte de alguns alunos por somente não obterem, durante o seu processo de sociabilização, acesso a informações necessárias sobre a diversidade, os direitos humanos e as lutas das minorias sexuais. A urgência dessas discussões estão cada vez mais latentes em espaços de formação de crianças e adolescentes, porém a ausência de debates sobre esses grupos ainda é uma lacuna.

Diante dessa realidade, além de forças de resistência, também percebemos formas e recebemos apoio de uma escola que desejou mostrar aos alunos e aos demais sujeitos que a compõe que podemos trabalhar com vistas aos direitos fundamentais e humanos, para uma educação que nos forme sujeitos éticos e preparados para entender e respeitar o próximo.

### **REFERÊNCIAS BOBLIOGRÁFICAS**



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

NOGUEIRA, D. M. Gênero e Sexualidade na Educação. **Anais I Simpósio Gênero e Políticas Públicas**. UEL, RS. 24 jul, 2010;

SAYÃO, Y. **Orientação Sexual na escola**: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G.(org.). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997;

Louro, G. L., Felipe, J. , Goellner, S. V. org. **Corpo, Gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 3ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007;

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997b.

Minayo M. C. S. **O desafio do conhecimento**. *Pesquisa qualitativa em saúde*. 9ª edição revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec; 2006.